

Na undécima hora para tentar evitar o pior

JORNAL DA TARDE

Sarney 16 NOV 1988

A decisão do presidente Sarney de ocupar uma cadeia de emissoras de rádio e televisão na última segunda-feira para discorrer sobre a importância das eleições realizadas neste "período de transição" e, ao mesmo tempo, assegurar a normalidade do processo de escolha do seu sucessor, em 1989, foi até certo ponto uma surpresa, principalmente para quem esperou em vão a palavra tranquilizadora do presidente após os trágicos acontecimentos de Volta Redonda e ainda aguarda uma manifestação do governo sobre as medidas de emergência que serão tomadas para afastar o perigo de hiperinflação.

Não há dúvida de que o voto faz parte da essência do jogo democrático, mas que não se iluda o presidente sobre o significado das eleições municipais. O fato de elas terem acontecido dentro da mais perfeita ordem não exime o governo das graves decisões que ele precisará tomar com a maior urgência possível para deter a escalada do processo inflacionário. Na verdade, o futuro da democracia brasileira depende inteiramente do comportamento do governo Sarney nessa área.

O presidente e os ministros da área econômica devem agir sem demora para, com o apoio do Congresso e do Poder Judiciário, impedir enquanto é tempo o caos inflacionário. Isso exige não só a aprovação imediata das medidas de ajuste fiscal que vêm sendo estudadas pelos ministros da Fazenda e do Planejamento, mas também providências enérgicas para resolver o problema da onda de greves que paralisam os serviços públicos essenciais e ameaçam ainda mais a nossa sofrida economia.

Os resultados das eleições municipais — que já podem ser previstos — devem servir de advertência ao presidente e a toda a classe política. Já não há qualquer dúvida de que o povo brasileiro votou maciçamente contra aqueles que o enganaram com os falsos milagres do Plano Cruzado e as promessas mentirosas dos demagogos, sobretudo dos governadores do PMDB, cujas verdadeiras intenções foram completamente desmascaradas por suas péssimas administrações, marcadas pelo personalismo, pelo distanciamento em relação aos problemas que afligem o povo e, em vários casos, pela mais vergonhosa corrupção.

Diante da derrota de políticos como o atual inquilino do Palácio dos Bandeirantes, Orestes Quécia, Newton Cardoso e outros peemedebistas, o presidente Sarney não tem necessidade de se preocupar muito em obter o seu apoio para as medidas de salvação nacional a serem tomadas nos próximos dias. Se é verdade que, como foi noticiado, vários governadores se recusaram a atender à convocação presidencial para uma reunião que seria feita nesta quinta-feira tanto melhor. Os governadores e o próprio governo Sarney foram julgados ontem pelos lamentáveis resultados de suas gestões. Os eleitores votaram em massa contra todos aqueles que não sabem usar o poder para tomar as decisões de interesse do povo ou só utilizam esse poder em proveito próprio, caso dos sátrapas de São Paulo e Minas.

Seja pelo voto de protesto ou pela escolha do menos ruim dos candidatos, os eleitores se colocaram contra todos os que estão no poder, num movimento que retira o cheque em branco entregue aos candidatos do PMDB após o engodo do Plano Cruzado. Por esse motivo, o presidente Sarney, que tem ainda mais de um ano de governo pela frente e a terrível responsabilidade de conduzir a Nação nesse momento grave de redefinição da política econômica, não tem o direito de continuar hesitando quando se trata de agir para o bem geral. Ele que se afaste dos políticos carreiristas e assuma de uma vez por todas as altas funções do seu cargo, mesmo porque já estamos na undécima hora.

Ao dar força para os seus auxiliares que lutam para impor uma política econômica austera, ao combater a anarquia da **nomenklatura** ávida de privilégios e ao sinalizar a disposição do governo de, finalmente, arregajar as mangas e trabalhar pelo bem do país, o presidente Sarney pode ter certeza de que contará com o apoio de todos os brasileiros que não fazem parte do universo estatal, mas se, como aconteceu em outros momentos decisivos de seu governo, prevalecer a perigosa hesitação não haverá saída: o Brasil não conseguirá livrar-se daquela que tem tudo para ser a maior crise econômica de sua história. Uma crise que, se não for urgentemente debelada, vai matar a nossa democracia, que, como disse o presidente Sarney, citando Otávio Mangabeira, "é uma planta tenra que exige uma doação constante".

A gravidade da situação das finanças públicas e do processo inflacionário em curso, no entanto, exige muito mais do que belas palavras. O tempo da retórica vazia terminou. Não há mais espaço para as meias medidas e os habituais paliativos. O governo tem a obrigação de agir em defesa da ordem econômica, da democracia e da sociedade, cujos sacrifícios já foram longe demais.

Assim, só nos resta esperar que o presidente encaminhe ao Congresso as providências que se fizerem necessárias para debelar a crise e que se distancie dos políticos oportunistas ou corruptos, isto é, daqueles que não querem mudar nada; das pressões da tecnoburocracia estatal, interessada em perpetuar feudos ou "estados" dentro do Estado; e dos maus empresários, que só sobrevivem à sombra dos cartórios, do crédito oficial subsidiado, dos incentivos fiscais e outras benesses pagas pelo povo.

Enfim, está na hora de dizer um basta a todas essas irracionalidades que nos separam dos países desenvolvidos. Irracionalidades que se originam na indigência cultural da maioria dos nossos políticos e na praga da corrupção. Que o presidente Sarney não desaponte a Nação desta vez — que é, certamente, a última para ele — porque se não agir nada nos livrará de um período negro, caracterizado pela desordem econômica e pela brusca interrupção deste "período de transição".